

A paixão segundo Carol Rama: o papel do documentário na compreensão da arte

Paulo Celso da Silva & Míriam Cristina Carlos Silva*

Resumo: O artigo aborda o documentário *A paixão segundo Carol Rama*, produzido pelo MACBA em 2015, momento em que uma grande retrospectiva das obras da artista italiana era apresentada em vários países da Europa. Os depoimentos de curadores e da própria artista permitem compreender, em suas obras, um caminho estético/ético que ultrapassa os equívocos de avaliação atrelados à condição feminina. Palavras-chave: documentário; Carol Rama; arte contemporânea.

Resumen: El artículo aborda el documental *A paixão segundo Carol Rama/La pasión según Carol Rama*, producida por el MACBA en 2015, momento en que una gran retrospectiva de las obras de la artista italiana era presentada en varios países de Europa. Los testimonios de curadores y de la propia artista permiten comprender, en sus obras, un camino estético/ético que sobrepasa los equívocos de evaluación vinculados a la condición femenina. Palabras clave: documental; Carol Rama; arte contemporáneo.

Abstract: The article deals with the documentary *A paixão segundo Carol Rama / The passion according to Carol Rama*, produced by the MACBA, in 2015, when a lot of works of this Italian artist were in retrospective in several European countries. The testimonies of curators and from the artist herself allowed to understand an aesthetic / ethical path that goes beyond the misunderstandings of evaluation linked to the feminine condition.

Keywords: documentary; Carol Rama; contemporary art.

Résumé: L'article traite du documentaire *A paixão segundo Carol Rama / La passion selon Carol Rama*, produit par le MACBA, en 2015, quand est organisée une grande rétrospective des travaux de l'artiste italienne dans plusieurs pays d'Europe. Les témoignages des commissaires et de l'artiste elle-même permettent de comprendre, dans ses travaux, une trajectoire esthétique/éthique qui dépasse les malentendus, liés à sa condition féminine, de son évaluation artistique.

Mots-clés: documentaire ; Carol Rama ; art contemporain.

* Paulo Celso da Silva: Universidade de Sorocaba, Mestrado em Comunicação e Cultura. 18023-000, Sorocaba, Brasil. E-mail: paulo.silva@prof.uniso.br

Míriam Cristina Carlos Silva: Universidade de Sorocaba, Mestrado em Comunicação e Cultura. 18023-000, Sorocaba, Brasil. E-mail: miriam.silva@prof.uniso.br

Submissão do artigo: 17 de Dezembro de 2017. Notificação de aceitação: 5 de fevereiro de 2018.

A liberdade é uma coisa individual... Não sei.
Eu não saberia mais.
A liberdade não é o que nós tomamos
Vê segundo a maneira de ver a tua vida... a liberdade
Carol Rama

Introdução

Carol Rama nasceu em Turim, Itália, em 17 de abril de 1918, ano em que a I Grande Guerra na Europa acabaria, mas a Itália ainda sofreria maiores baixas, com uma epidemia de gripe espanhola, além do terremoto em Romagna.

O que poderia ser uma vida em uma família burguesa e católica, com um pai industrial, em uma cidade próspera do norte italiano, e uma mãe presente no lar, transformou-se em dificuldades, separações e perdas pessoais e materiais.

Seu pai, falido com a indústria de bicicletas, suicida-se; a mãe, frágil e desesperada, sucumbe às realidades de sua própria existência e é internada em manicômios até a morte. Olga Carolina Rama encontra nas artes, na pintura propriamente, uma maneira de continuar, prosseguir na dor e com dor, mas prosseguir.

Na primeira mostra individual, ainda nos anos 1945, sua exposição na Galeria Faber, de Turim, é censurada e proibida como obscena, e as 27 obras apreendidas, sendo, algumas, para nunca mais serem encontradas.

Olga Carolina Rama descobre que está no caminho certo: o caminho contrário ao do mundo normativo modernista e masculino vigente, que tentava calar a artista, por isso, decide: será Carol Rama. Sem mestres, a dor a faz descobrir e retratar seus sentimentos; “o sentido do pecado é meu mestre”, afirma mais de uma vez em sua longa vida.

Esquecida pela história oficial da arte, ou o “membro fantasma da história da arte”, como a definiu Paul Beatriz Preciado, a artista italiana foi, em 2014, em Barcelona, mais do que lembrada, admirada, estudada, reverenciada e trazida para o patamar merecido: o reconhecimento no mesmo nível de Frida Khalo e Louise Bourgeois.¹

A exposição *La pasión segundo Carol Rama* aconteceu entre 31 de outubro de 2013 e 22 de fevereiro de 2014 no Museu d'Art Contemporani de Barcelona (MACBA). Entretanto, a organização foi concebida em conjunto com o Musée d'Art moderne de la Ville de Paris (MAMVP), que recebeu a exposição entre

1. Nós optamos por afirmar a posição sugerida por Preciado, em artigo tratando da exposição que viria a acontecer e na qual participava da curadoria: “Me atrevo a afirmar sin equivocarme que un día Carol Rama será tan imprescindible como lo son hoy Frida Khalo o Louise Bourgeois” (Preciado, 2013).

os dias 3 de abril e 12 de julho de 2015. Além destas, também organizada pelo MACBA e coproduzida pelo PARIS MUSÉES/MAMVP, pode ser vista ainda no EMMA – Espoo Museum of Modern Art, que recebeu a exposição entre os dias 14 outubro de 2015 e 10 de janeiro de 2016. No IMMA – Irish Museum of Modern Art, em Dublin, a exposição aconteceu entre os dias 24 de março e 1 de agosto de 2016. A exposição italiana, no GAM – Galleria Civica d’Arte Moderna e Contemporanea, em Turim, ocorreu no período de 12 de outubro de 2016 a 5 de fevereiro de 2017. A curadoria nos museus MACBA, EMMA, IMMA e textscgam ficou a cargo de Teresa Grandas e Paul Beatriz Preciado, e no museu MAMVP, a curadoria foi de Anne Dressen.

Para a inauguração, o MACBA produziu um documentário de 10 minutos e 22 segundos, intitulado *La pasión según Carol Rama*, no qual os curadores de Barcelona, Teresa Grandas e Paul Beatriz Preciado exploram os temas da exposição, que percorre a produção de Rama de 1926 a 2004. Além do documentário do MACBA, há ainda um documentário de quatro minutos do GAM – Galleria Civica d’Arte Moderna e Contemporanea, de Turim: *La Passione Secondo Carol Rama, cura di Teresa Grandas e Paul B. Preciado*; um de onze minutos do IMMA – Irish Museum of Modern Art, de Dublin: *The Passion according to Carol Rama*. De todos os documentários, este último é o único que, ao final (11’07”) informa: “Os visitantes são avisados de que esta exposição contém temas para adultos e algumas imagens explícitas”.²

Neste artigo, utilizamos as três versões dos documentários, que se complementam em informações, imagens, experiências e narrativas femininas e *queers*, mas ao mesmo tempo guardam as particularidades de seus territórios de exibição e das curadoras, nos 25’29” que percorrem os países europeus.

Optamos por dividir e apresentar cada um dos documentários em separado e em linhas gerais, e, logo após, tecer algumas análises. Parece-nos acertado que as imagens documentais das obras de Carol Rama nas exposições, enquanto narrativas de seu percurso, são importantes para o entendimento da dimensão da artista na contemporaneidade.

Os documentários

MACBA – *La pasión segundo Carol Rama*

Entendemos aqui o documentário na perspectiva de Aumont, para quem todo filme seria um filme de ficção (Aumont, 1999: 70). Gutfreind (2006: 2), amparada em Aumont, ressalta o fato de que “o cinema tem o poder de

2. “Visitors are advised that this exhibition contains adult themes and some explicit imagery”.

transformar objetos, pessoas e narrativa em ausentes no tempo e no espaço”, portanto, é possível pensar que “aquilo que vemos na tela é justamente o ausente” (idem).

Neste caso, o documentário complementa várias ausências perceptíveis ao longo da vida e obra de Rama: a ausência dos créditos à artista, vindos do mundo da arte, o reconhecimento da obra por seu próprio caminho e singularidade, as exposições que poderiam ter havido e que não ocorreram, entre outros elementos.

Complementar à exposição, o papel do documentário, ainda nos apoiando em Gutfreind (2006: 2), é o de “objeto de comunicação relacional através da sua ideia de representação e construção da realidade, inserindo-se em uma rede midiática em plena ebulição de ordem econômica, estética, tecnológica, perceptiva e simbólica”. Com ele, é possível alargar o olhar para a obra de Rama, que ultrapassa tempo, espaço e classificações / relações equivocadas, para ganhar reconhecimento, graças à emergência de questões culturais levantadas pela sociedade, por intelectuais e por curadores.

O documentário do MACBA inicia com imagens da frente do museu, com as chamadas das mostras que aconteciam no local ao mesmo tempo que a de Carol Rama.



Figura 1. Tela de abertura do documentário do MACBA.

Em seguida, imagens da artista definindo seu sentido de liberdade (com legendas em Catalão): “A liberdade é uma coisa individual... Não sei... Eu não saberia mais. A liberdade não é o que nós tomamos... Vê segundo a maneira de ver a tua vida... a liberdade”.



Figura 2. Imagens iniciais do documentário do MACBA. Carol Rama.

A primeira a tratar da exposição é Teresa Grandas, curadora, explicando que Carol Rama foi deixada de lado pela história da arte oficial e, em seguida, conta sobre a vida da artista, destacando as tragédias pelas quais passou – o suicídio do pai e a demência da mãe – e o começo da produção artística de uma jovem sem nenhuma experiência acadêmica em arte.

Em seguida, Paul Beatriz Preciado explica que a divisão das salas obedeceu à tese de que as curadoras imaginam que pode ser um museu do século XXI. A primeira sala é obra orgânica; a seguir, bricolagem, aquarelas; depois, uma sala que retrata a explosão criativa. Muito mais do que apenas cronologia, apresentam-se as salas nas quais são exibidos vídeos da artista italiana recebendo o Leão de Ouro, em 2003, e imagens de seu atelier. A última sala, nomeada de “vaca louca”, apresenta as obras a partir dos anos 2000, o que culmina com a declaração de Carol Rama de que ela era a Vaca Louca.



Figura 3. Curadora Teresa Grandas.



Figura 4. Curador Paul Beatriz Preciado.



Figura 5. Obras. Documentário Carol Rama MACBA.

IMMA – The Passion according to Carol Rama

O documentário do IMMA inicia com as explicações de Rachel Thomas, a curadora local da exposição de Carol Rama, elevando-a à categoria de uma das mais importantes artistas dos séculos XX e XXI. Após essa explanação curta, com cerca de 56 segundos, Paul Beatriz Preciado constrói sua narrativa afirmando como foi possível para a história da arte apagar uma mulher criativa e de difícil classificação nos cânones oficiais. Lamenta também a morte de Carol Rama em 2015, momento em que ocorre a exposição na Irlanda. Apresenta a obra e vida de Carol Rama, por 5'33".



Figura 6. Abertura e fechamento do documentário do IMMA.



Figura 7. Obra. Documentário Carol Rama no IMMA.

A também curadora Teresa Grandas entra na sequência, informando que, desde 2011, pesquisava as obras de Carol Rama para essa exposição nos vários países. A pesquisa mostra-se curiosa e difícil, pois para muitas coisas que se diziam da artista, não existia nenhuma comprovação histórica. Haviam

sido criados mitos e mistérios acerca de sua vida-obra, que bem poderiam ser verdadeiros, mas, ao mesmo tempo, também poderiam ser mentiras. A personalidade controvertida de Carol Rama mesclava-se ao seu atelier, no qual nenhuma iluminação natural entrava, as janelas eram pintadas de preto e perdurava um clima de trevas, necessário para a artista. Porém, isso não traz uma negatividade ou pessimismo, no contexto de seu mundo, de seu humor negro.



Figura 8. Obra. Documentário Carol Rama – IMMA.

O fechamento do documentário do IMMA é feito por Rachel Gilbourne (8'53''), assistente das curadoras, que destaca o experimentalismo de Carol Rama ao trabalhar com materiais diversos (peles, cabelos, pelos humanos e de animais, por exemplo). Rachel Gilbourne trabalhou com um grupo de seis artistas: Teresa Glass, B Johnson, Mayhew Lee Welt, Karl Burke, Jessica Conway e Suzanne Welsh, que ficaram seis meses experimentando sons e criaram as paisagens sonoras da exposição, utilizando tecnologia científica,

vocalização visceral e objetos para criar signos com as obras de Rama, que resultaram em uma nova experiência de visita no IMMA.

GAM – *La Passione secondo Carol Rama*

O documentário de quatro minutos do GAM é aberto com Patrizia Asproni, presidenta da Fondazione Torino Musei, que faz uma curta leitura de um dos textos de Paul Beatriz Preciado acerca de Carol Rama, com destaque para a característica de ser “Erótica e Herética, sobretudo Herética”.

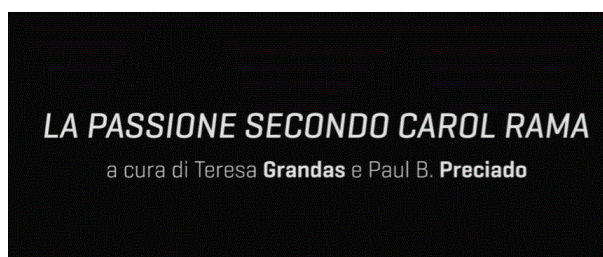


Figura 9. Abertura do documentário do GAM.

Após a panorâmica das salas de exibição, Teresa Grandas (0'58") explica que tudo se originou de uma pesquisa em 2011 e culminou com a exposição de Barcelona em 2014. Em seguida (1'21"), Carolyn C. Bakargiev (escritora, curadora e historiadora de arte estadunidense) faz uma descrição da vida de Carol Rama. Paul Beatriz Preciado (1'42") destaca o perfil rebelde da artista italiana, afirmando que “Carol Rama estaria, absolutamente, enfadada com o Museu, – seu fantasma está aqui agora – estaria irritada de como é possível que, até hoje, nunca tenha havido uma mostra como essa, com mais de 200 obras, em sua cidade, Turim”.

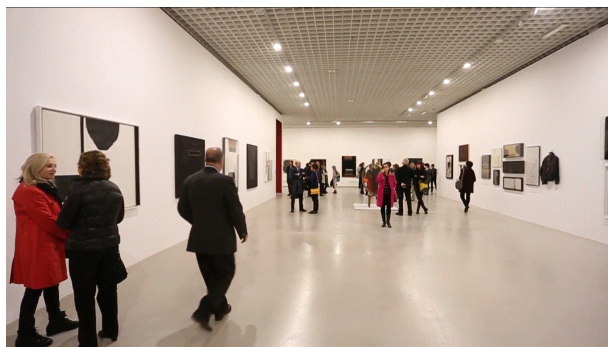


Figura 10. Público na Exposição. Documentário Carol Rama – GAM.



Figura 11. Obra. Documentário Carol Rama – GAM.

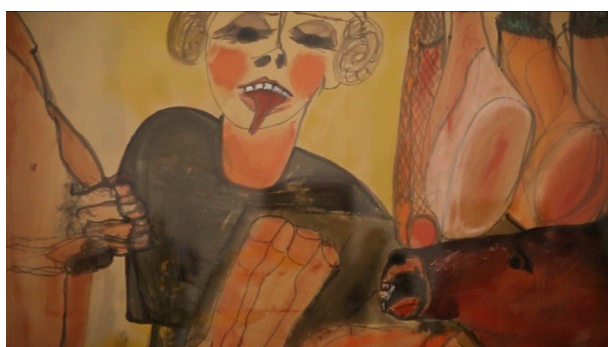


Figura 12. Obra. Documentário Carol Rama – GAM.

Carol Rama segu[I**]ndo a paixão**

Os documentários, apesar de separados no tempo e no espaço, concordam entre si, compõem-se, complementam-se, graças às propostas levadas a cabo por suas curadoras: trazer para a cultura e sociedade ocidentais, representadas pelas cidades de Barcelona, Dublin e Turim, em seus respectivos museus, uma seleção de obras que destacasse a artista italiana e dialogasse entre Vida-Obra-Vida, dada a dificuldade de uma síntese conclusiva e mecânica. Ao contrário:

A estética de Carol Rama compunha um corpo que vai para além da normatidade, dos gêneros fechados, ou seja, um corpo político que representa não apenas o corpo das mulheres apartadas da estética/política do fascismo, mas todos os corpos "minoritários" da sociedade, sejam eles "homossexuais", "deficientes", "anormais" ou "estrangeiros", corpos "enfermos", corpos sem voz e sem representatividade política em uma sociedade industrial, capitalista e moderna. (Silva, 2015: 2).

Entretanto, Carol Rama não deve ser pensada como uma personagem fora de sua época, ao contrário, sua Vida-Obra-Vida, maiúscula, sem dúvida, traz os ingredientes da sociedade ocidental que aprendia a ser capitalista em Turim, mas já se desenvolvera nesse modo de produção em Barcelona, por exemplo.

Paul Beatriz Preciado, em sua conferência *El paradigma Carol Rama. Una historia para fantasmas*, questiona sobre como foi possível que uma artista como Carol Rama tenha sido praticamente desconhecida até os anos 1980, sendo raramente exposta, só agora ganhando exposição em museus e mídia. Contudo, para Preciado, não há que se buscar respostas em uma singularização da artista, à qual prefere tratar como “um caso paradigmático” para mostrar que a história tanto artística quanto pessoal de Carol Rama é a própria estrutura cognitiva por meio da qual funciona o relato da história da arte ocidental.

Eu diria que esse discurso hegemônico da história da arte me dá a impressão que foi elaborado através de três operações epistemológicas que se articulam para criar a norma. O primeiro deles é invisibilizar; no caso de Carol Rama é óbvio que foi invisibilizada. A segunda é mais problemática, porque é descobrir o que nós invisibilizamos; e a última, mais complexa ainda, é a redução da obra a uma identidade. No caso de Carol Rama, as três operações mostrariam o não-lugar ocupado nos espaços museísticos. (Preciado, 2014).

Há que se destacar, também, da conferência de Preciado, a denúncia da insistência de uma historiografia da arte conservadora em afirmar e reafirmar como emblemáticos os momentos em que Carol Rama encontrou Andy Warhol, Picasso, Man Ray, Duchamp, querendo dar a entender que estes é que trouxeram à tona a personagem e a sua arte. Contudo, como aponta Preciado, Carol Rama não é contemporânea de nenhum deles: “historicizaram Carol de

forma anedótica com outros homens artistas” (Preciado, 2014), como o fizeram com Frida Kahlo, Camile Claudel, entre outras.

O documentário, assim como a conferência, denuncia as reduções que a obra de Carol Rama sofreu. É o que Preciado denomina de taxinomia reductiva, ou seja:

parâmetros biopolíticos que buscam assinalar identidade reduzindo a sua biografia a seu sexo, gênero, condição social ou de classe, a sua enfermidade ou sua saúde mental. Como se esses fossem parâmetros universais e não efeito entre a relação de visibilidade e poder. Essa primeira classificação permite feminilizar o trabalho de Carol. Em um primeiro momento, o trabalho de Rama vai aparecer como: “é típico trabalho de mulher”! O que eu tento comunicar é a limitação e o despropósito dos aparatos críticos com que funciona uma certa historiografia da arte. (Preciado, 2014).

Além dessa redução, a artista tem sua identidade reduzida geograficamente, graças às comparações com outras artistas, como por exemplo, Carol Rama é uma Louise Bourgeois à italiana, ou Frida Kahlo é uma Carol Rama do México. Dessa forma, independente dos processos e dos espaços em que ocorrem, a imagem e os gestos femininos da artista feminina são repetidos e reproduzidos de maneira marginal/natural, centrado no corpo feminino.

As salas das exposições mostradas nos documentários, como informam as curadoras, pretendem mostrar uma linha criativa e não uma temporalidade marcada por cânones da história da arte.

Neste sentido, entendemos que o documentário auxilia na “percepção do sensível em comum” (Gutfreind, 2006: 10), à medida em que “ficcionaliza as formas do visível e do sensível de uma sociedade específica” (idem), considerando “as emoções do diretor, sua imaginação, seu meio, seu desejo em atingir o público e os meios técnico-econômicos que são colocados à sua disposição” (idem).

Considerações

O documentário *A paixão segundo Carol Rama*, em suas três versões, auxilia na reconfiguração da obra da artista, exposta e reconhecida em um momento em que as questões sobre a condição feminina, a função social da arte, as condições de produção e valorização da subjetividade, emergem e suscitam discussões e polêmicas.

Os depoimentos dos curadores e da própria artista são auxiliares na compreensão dos equívocos de avaliação que a crítica imputou à Carol Rama, como reprodução dos cânones da arte, de um modo geral, oferecendo-lhe rótulos atrelados a uma característica do feminino, a uma espacialidade geográfica es-

pecífica, como modo de comparação a outras artistas mulheres, ou, ainda, às questões relacionadas à sua saúde mental.

Os testemunhos e análises da obra procuram problematizar os estigmas e auxiliar na compreensão da complexidade que envolve toda a arte, aventura a ser experimentada por suas singularidades de linguagem, por sua elaboração estética e por sua ética. Cabe ressaltar, ainda, que o documentário e a própria obra, trazida pelo documentário, permitem entrever os elementos que auxiliaram na invisibilização de Carol Rama, e nos mecanismos necessários para tornar visível esse ausente, postos da voz de Preciado e dos outros curadores: desnudar aquilo que não se conhece, redescobrir, sem tentar reduzir a uma identidade.

Assim, o documentário *A paixão segundo Carol Rama* cumpre a função de reconfigurar o passado, iluminando-o a partir da construção de novas subjetividades, construídas na relação entre o olhar dos produtores, curadores, a voz de Rama por ela mesma e a transformação do olhar do espectador, que pode se fazer acompanhar de outros na experiência de mergulhar no universo da artista.

Referências bibliográficas

- Aumont, J. (1999). *Esthétique du film*. Paris: Nathan.
- GAM – Galleria Civica d’Arte Moderna e Contemporanea. (2016). *La Passione Secondo Carol Rama*. Disponível em: <https://youtu.be/LECQL6V1Nq0>.
- Gutfreind, C. F. (2006). *O filme e a representação do real*. Disponível em: www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/90/90.
- IMMA – Irish Museum of Modern Art, Dublin. (2016). *The passion according to Carol Rama*. Disponível em: https://youtu.be/fh1_NcdQdOE.
- MACBA – Museu d’Art Contemporani de Barcelona. (2015). *La pasión según Carol Rama*. Disponível em: <https://youtu.be/ZchbItN7oUY>.
- Preciado, P. B. (2014). *El paradigma Carol Rama. Una historia para fantasmas*. Disponível em: <http://www.macba.cat/es/audio-carol-rama-paul-b-preciaodownwww.macba.cat/es/audio-carol-rama-paul-b-preciado>.
- Preciado, P. B. (2013). *Carol rama for ever*. Disponível em: <http://paroledequer.blogspot.com.br/2014/10/carol-rama-for-ever-por-beatriz-preciado.html>.
- Silva, P. C. (2015). Carol Rama Devorando a todos. *Jornal Cruzeiro do Sul*. Disponível em: www.jornalcruzeiro.com.br/materia/608155/carol-rama-devorando-a-todos.